

Compartilhado. Cabemos. —J.

Se você encontrar, devolva dobrado.

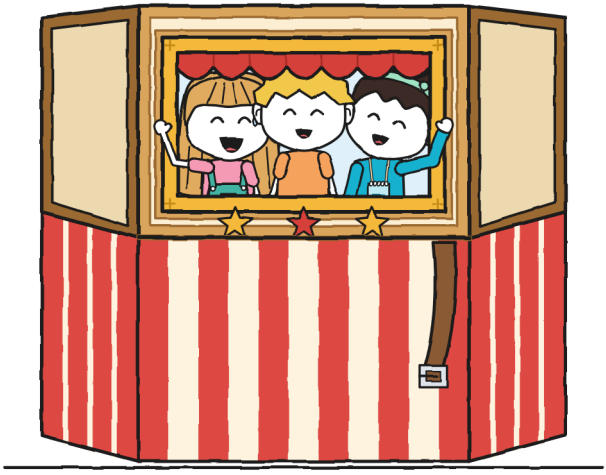


Este carimbo marca o que só acontece na história: dragões de verdade não existem e pacotes não voltam voando. Para um transporte de verdade, veja a última página. —J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

LinguAula



(o caderno do Guto)

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

Sexto livro da série. Os anteriores: “Este pacote morde”, “Não abrir antes do trovão”, “Devolver, por favor”, “Aqui não, Migalha!” e “Um bolo para dois”.

Texto e ilustrações: LinguAula

Versão em português: LinguAula

TAMANHO XL · Romance ilustrado · 13+

Primeira edição: 2026

© 2026 LinguAula · info@linguaula.com

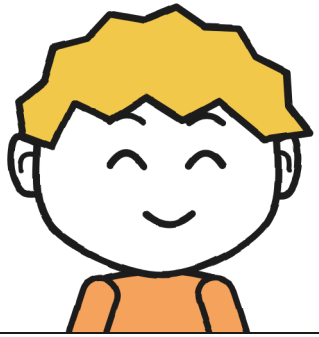
Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Tipografias: Andika, Patrick Hand, Caveat e Courier Prime (licença SIL OFL).

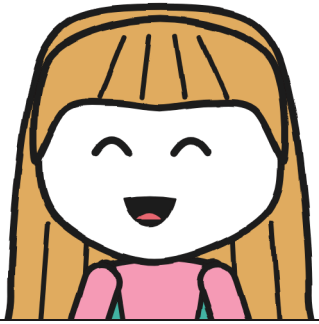
Trabalhe cada capítulo em
linguaula.com

Em três. Minha alça. –J.

QUEM É QUEM



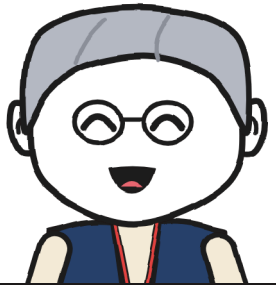
Guto. Mede em centímetros. Nesta semana conta também outra coisa.



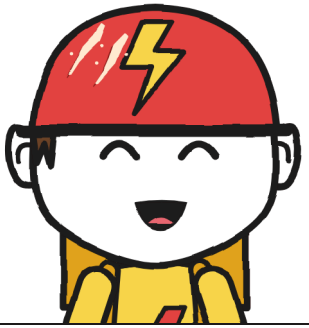
Júlia. Sabe o caminho. Explicar é outra coisa.



Noa. Amiga da Júlia de antes. Mede em passos: sempre os traz consigo.



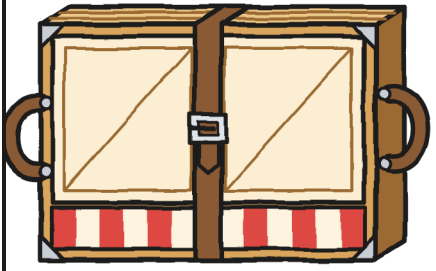
Irene. Coordena a oficina de teatro. Não diz por onde: diz "pare".



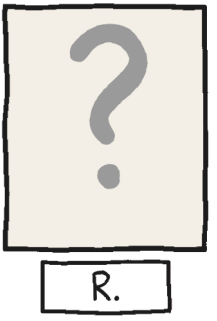
Toninho. Da RAIO e da loja. Cronometra e não opina. Quase.



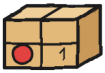
Mara. Empresta o pacote. A caixa ela não solta.



O nº 6. Um teatro que cabe numa caixa. Se ninguém segurar a correia, abre onde quer.



R. Remetente. Dessa vez deixou uma linha num inventário.



CAPÍTULO 1

Por que são necessários três?

O caderno 5 terminou com dois ponteiros num mostrador, e eu o fechei assim, sem pedir que nenhum saísse dali. Um caderno terminado fica como você o deixou. É a vantagem deles: ninguém pode mais discuti-los.

O 6 é laranja. Laranja de tangerina, dessas que se descascam inteiras de uma vez se você não tiver pressa, e também leva o carimbo da loja num canto. A Mara o deixou no balcão, ao lado do rosa, e foi para os fundos arrumar umas caixas que já estavam arrumadas. A Mara não entrega os cadernos: deixa onde você vai olhar.

Para a primeira página eu tenho uma tradição. No 2 escrevi OFICIAL; no 3, SECRETO; no 4, DEFINITIVO; no 5, TRANQUILO. Quatro palavras com fechadura, e as quatro a Júlia leu antes de todo mundo, eu inclusive. Desta vez procurei uma palavra que já contasse com isso.

Em cima escrevi CADERNO DE ENTREGAS 6 · do Guto, que é o que se escreve. Embaixo, uma única palavra:

COMPARTILHADO.

E deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não sabia por via de quais dúvidas. Descobri logo: não ficou livre nem um minuto.

A Júlia estava do outro lado do balcão. Não me pediu o caderno; puxou-o com um dedo, destampou a canetinha verde e escreveu na meia página com uma letra tão grande que chegou à margem, pensou um pouco e continuou pela margem. Depois tampou a canetinha com cara de "não fui eu", que é uma cara que naquela loja já é de todo mundo.

Eu compartilhei a primeira página com a minha letra. –J.

Medi o que ela ocupava: a metade de baixo, inteira. A minha palavra, com todo o ar que eu tinha deixado em volta, ocupava a de cima. Duas metades. Achei uma divisão muito razoável.



O de sempre, para quem chega a este caderno sem ter passado pelos outros. A loja se chama Entregas Impossíveis e é da Mara, que é bruxa, usa chapéu roxo e tem um carimbo que, quando carimba, solta faíscas com cheiro de vela apagada. Na prateleira da esquerda ela guarda os devolvidos: pacotes que ninguém conseguiu entregar, todos mandados por R. Se quem recebe um deles não assina a etiqueta com tinta que não apaga, ao amanhecer o pacote volta voando para a sua prateleira. Eram vinte. A Júlia e eu entregamos cinco: um ovo de dragão, umas

sementes com pernas, um sininho, uma equipe de chegada e um suporte para a padaria da Elisa. Na parede, em letra verde, está escrito RESTAM 15. O Toninho, o da RAIO, tem o seu lugar numa caixa virada de cabeça para baixo, junto aos banquinhos. Por enquanto.

Na segunda-feira, um dia depois do bilhete da Elisa, saí da escola e fui direto para a loja. A Júlia me esperava no balcão com um envelope na mão. Não era verde nem azul, que são as cores de envelope que eu conheço. Era turquesa e estava fechado. Ela o segurava com dois dedos, por um canto, como se queimasse.

— Foi o carteiro que trouxe. Está escrito "À loja Entregas Impossíveis". Faz um tempinho que não abro.

— Quanto tempo?

— Vinte e oito minutos — disse o Toninho da caixa dele, olhando o relógio. — Recorde do bairro.

Estava de capacete dentro da loja, com os dois risquinhos de garra, e o relógio por fora da manga, para não perder tempo arregaçando.

Eu conheço a Júlia. Um envelope fechado, nas mãos dela, dura o que ela leva para achar a aba. Vinte e oito minutos não eram paciência. Eram outra coisa, e eu não soube qual.

Não era meu. Os envelopes que não são meus pesam o triplo. —J.

A Mara o abriu com a unha, sem rasgar mais papel do que o necessário. A carta tinha letra clara, de adulto, dessas que não entortam no fim da linha:

"Sou a Irene, responsável pela oficina de teatro do centro comunitário. Ao atualizar o inventário, encontrei uma linha: 'Teatrinho dobrável: pendente de recebimento'. Vocês estão com ele? No sábado, dia 31, é a gincana do bairro. Se o teatrinho chegar dobrado ao nosso pátio, levado por uma equipe de três, eu assino ali mesmo. Na equipe da Noa há lugar para três e, por enquanto, só tem ela."

Embaixo, com outra letra, pequena e reta, em turquesa:

"Júlia: sou eu! Agora faço teatro. Traga alguém que entenda de pacotes. —Noa".

A Júlia leu a assinatura e a boca dela subiu de um lado só, como quando se lembra de algo que não pretende contar. Disse "Noa" baixinho, do jeito que se diz o nome de uma rua por onde você já passou mil vezes.

"Alguém que entenda de pacotes". Esse era eu. De "pacotes" eu gostei. De "alguém", menos.



Às cinco chegaram as duas.

A Irene trazia uma pasta, um colete azul-marinho cheio de bolsos e um apito pendurado no pescoço. Tinha o cabelo curto e grisalho e óculos redondos, e com eles percorreu a loja prateleira

por prateleira, como quem faz inventário sem que ninguém tenha pedido. A Noa trazia uma caderneta pendurada num cordão e um lápis turquesa atrás da orelha. O cabelo, num coque alto de cachos, preso com um lenço verde-menta; a blusa, turquesa, como o envelope. Tudo nela parecia posto no lugar para não precisar procurar.

A Júlia saiu de trás do balcão sem abrir a portinhola, por baixo, e elas se abraçaram. Se abraçaram tanto tempo que deu para eu medir: onze segundos. Fiquei de lado, com o caderno. Um caderno também serve para isso: para ter algo nas mãos.

— Este é o Guto — disse a Júlia. — Entende de pacotes.

— Oi, Guto que entende de pacotes — disse a Noa. E anotou o meu nome na caderneta.

Anotou inteiro, com o sobrenome que acabava de me dar. De onde eu estava, vi que eu era a segunda linha da página. A primeira dizia "Júlia" e tinha um traço embaixo, como as coisas que já estão feitas.

A Mara subiu no banquinho azul e tirou da prateleira o nº 6. Uma caixa igual a todas, nem maior nem menor. A etiqueta tinha cinco linhas à máquina: Nº 6. OFICINA DO PÁTIO. ENTRADA PELAS DUAS PORTAS. ENTREGAR DOBRADO. E embaixo, como sempre, REMETENTE: R. Em volta, nove carimbos de DEVOLVIDO.



— Nove carimbos — disse a Júlia.

— "As duas portas" — leu a Noa. — Que duas portas?

A Irene não sabia. A Mara também não. Eu anotei com um ponto de interrogação, que é o que anoto quando não sei uma coisa e quero que conste que percebi.

— Levei nove vezes — disse a Mara. — Às segundas, quem abria era a costura. Às quartas, o coro. Às sextas, o xadrez. "A oficina? Aqui não é." Ninguém assinava por uma oficina.

Desenhei enquanto ela falava, em três quadrinhos: a Mara, com a caixa debaixo do braço, diante da mesma porta, e na porta, cada um na sua vez, uma agulha com linha, uma nota musical e um cavalo de xadrez, que não dizia nada porque no

xadrez se fica calado. Embaixo, a caixa entrando pela janela da loja ao amanhecer. Nove vezes.

— O teatro ensaia no pátio — disse a Irene. — E no pátio não tem campainha.

Abriu a pasta e mostrou à Mara uma folha com um carimbo do centro. A Mara a leu com o nariz bem perto, que é como ela lê o que pretende levar a sério.

— Agora está no registro: "Oficina de teatro. Responsável: Irene". Por uma oficina, agora alguém assina.

— Agora que tem quem assine, por que a Mara não leva dentro da caixa dela, como o suporte da Elisa? — perguntou a Júlia.

— Na minha caixa eu levei nove vezes — disse a Mara. — Agora quem põe as condições é quem recebe.

— Um teatrinho dobrável é para levar às praças — disse a Irene. — Preciso ver que a minha turma consegue levá-lo pela rua. Se não conseguir, não me serve. E eu não assino o que não me serve.

— Isso eu já ouvi numa padaria — disse a Mara.

Eu tinha uma pergunta desde que li a carta, e fiz antes que se gastasse.

— E por que são necessários três?

Perguntei de verdade. Um fardo com duas alças; duas pessoas, uma em cada alça. Eu tinha contado nos dedos e dava dois.

Ninguém riu. A Irene me olhou por cima dos óculos, como se olha uma peça que encaixa melhor do que parecia.

— Boa pergunta. Na terça, no pátio, vocês me respondem.

A Mara abriu o livro dela e anotou as condições. As da Mara cabem sempre numa mão; contei nos meus dedos e sobrou o polegar:

- Nº 6: emprestado para ensaiar.
- Sai com a Irene ou comigo.
- Volta dobrado.
- Dorme aqui.

A etiqueta fica na caixa, e a caixa, com a Mara.

Dormindo na prateleira, ao amanhecer não tem para onde voltar. Continua em nove carimbos. Perguntei. —J.



Na terça fomos ao pátio do centro comunitário. Da calçada, a entrada é um portão de ferro com muitas camadas de tinta, que se fecha sozinho: você solta e ele volta, devagar, até dar um clique, como um cachorro que senta sem que ninguém mande.

A Mara pôs a caixa no chão e soltou a tampa. Ao sair, o teatrinho cresceu, como o suporte da Elisa. Eu já não me assusto: pego a fita.

Fechado, era um fardo chato de painéis de madeira e pano, com uma alça de cada lado e uma correia que passava por uma

fivela de três furos. Um metro por setenta centímetros e, de lado, um palmo. O portão, com a folha aberta, noventa centímetros. De lado, cabia pelo portão. Isso era o fácil.

Antes de mais nada, a Irene quis ver se estava inteiro. Soltou a correia e girou o fardo. Os painéis se abriram sozinhos, pelo próprio peso, um depois do outro: clac, clac, clac. Um palco com três paredes, uma cortina curta e uma janela com moldura no painel do fundo.

Pela janela se via o Toninho, que passava pela calçada com um sanduíche. Estava com a boca cheia. Não pôde cumprimentar. Ficou parado um momento, emoldurado, de capacete, com uma bochecha mais gorda que a outra, como o retrato de alguém importante pintado na hora do almoço.

— Está inteiro — disse a Irene. — Regra da oficina: as mãos nas alças. Nas dobradiças, nunca. E nas curvas, alguém segura a correia.



Anotei tal e qual.

A Irene e a Mara o dobraram e prenderam a correia.

— A gente testa — disse a Júlia. A Noa já estava na outra alça.

Não se olharam para decidir. Nem sequer disseram: cada uma foi para o seu lado como se vai para a cadeira de sempre.

Contaram até três e o levantaram. Conseguiam. Deram uma volta no pátio, devagar, com os cotovelos um pouco abertos, e o teatrinho ia entre as duas sem balançar, como uma bandeja bem carregada. Chegaram ao portão. O portão estava fechado.

A Júlia olhou para ele. A Noa olhou para ele. Elas tinham quatro mãos e as quatro estavam ocupadas.

Eu estava a dois metros, com as minhas duas livres e um caderno.

A Irene, ao fundo, com a pasta contra o peito, não disse nada. Nem "ajude-as" nem "você".

Segurei o portão com as costas. Elas passaram. A Irene anotou alguma coisa na pasta.



Naquela tarde inventei o aparelho deste caderno. É o quinto da minha carreira, depois do tremômetro, do vermelhômetro, do aquiômetro e do barulhômetro, e o primeiro que não mede uma pessoa, e sim várias ao mesmo tempo. Chamei de O MEDIDOR DE

TRÊS, “quem faz o quê em cada trecho”. Uma linha por trecho e três casinhas, cada uma com o seu desenhinho:

- CARREGAR: duas mãos em duas alças.
- ORIENTAR: dizer por onde e quando.
- ABRIR PASSAGEM: portas, meios-fios, gente.

Na primeira linha, “pátio, primeira tentativa”, pus “Júlia e Noa”, “Júlia e Noa” e uma casinha vazia. Na segunda, “pátio, segunda tentativa”, a mesma coisa, mas na terceira casinha pus “Guto”.

Dois nomes repetidos e uma casinha vazia: não passa. Com a casinha cheia, passa. Eu já tinha a resposta para a Irene, e era minha.

E anotei outra coisa, menor: “Um portão também se segura com uma pedra”.

Escrevi com o lápis quase sem apertar.



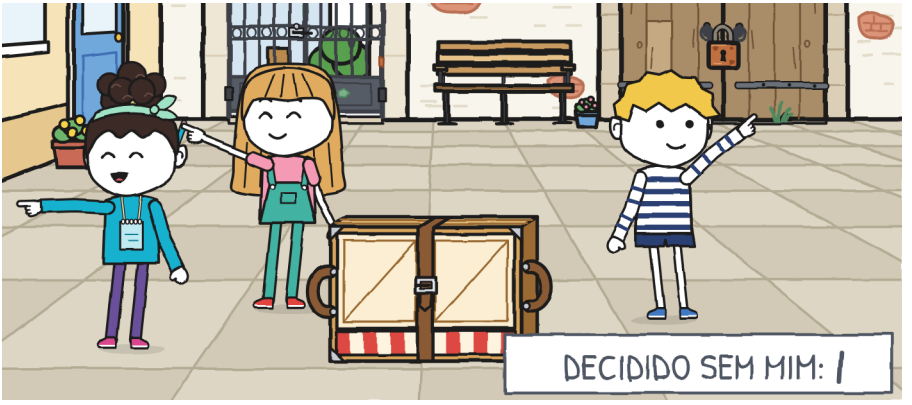
Faltava entender a etiqueta.

— As duas portas são as duas folhas do portão — disse a Júlia.

— Tem que abrir as duas — disse a Noa.

— Podemos medir primeiro o muro por fora — eu disse.

Apontamos os três ao mesmo tempo. A Júlia, o portão. A Noa, a sala da oficina. Eu, a rua.



— Depois — disseram as duas.

Disseram ao mesmo tempo e com a mesma música, como se tivessem ensaiado. Tinham ensaiado, suponho. Durante anos.

Fui eu sozinho. Saí pelo portão, que se fechou atrás de mim com o seu clique, e dei a volta no muro medindo com a fita, trecho a trecho, anotando cada número no caderno apoiado no joelho. O muro era comprido e dava para um beco com cheiro de água parada. E ali, na volta, encontrei uma coisa.

Voltei depressa, com a coisa na cabeça e a fita ainda sem enrolar, arrastando um metro de amarelo pela calçada. Quando entrei, a Júlia e a Noa estavam rindo de algo de antes de eu chegar ao bairro. Riam com os ombros, sem fazer barulho, e a Noa tocava o braço da Júlia para ela parar, e a Júlia não parava.

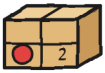
Abri a boca.

— Já está decidido, Guto — disse a Júlia. — São as duas folhas.

No canto de baixo da página, pequeno e a lápis, escrevi: DECIDIDO SEM MIM. E ao lado, um risquinho. Escrevi com a boca ainda aberta.

Fechei a boca. E o caderno.

Esse risquinho eu vi dois dias depois. Era meu. –J.



CAPÍTULO 2

Quem conhece o caminho?

Na quarta era o primeiro trajeto: da loja ao pátio, pela rua, com o teatrinho nas costas e o pessoal olhando. Eu tinha passado a aula da tarde desenhando o medidor na margem de uma ficha, com uma linha nova e as casinhas vazias, para preenchermos entre os três.

Quando cheguei à loja, o medidor já estava preenchido. De verde.

A Júlia tinha aberto o meu caderno na página do aparelho e acrescentado a linha com a letra de cartaz dela: "loja → pátio". Na casinha de CARREGAR estava "Guto e Noa". Na de ORIENTAR, "Júlia". Na de ABRIR PASSAGEM, "Júlia" outra vez. A canetinha continuava em cima, destampada, como uma prova que ninguém se deu ao trabalho de esconder.

— Você e a Noa carregam — disse a Júlia. — Eu oriento, que eu sei o caminho. E como vou na frente, abro passagem.

— A gente pensou vindo para cá — disse a Noa.

Não disse para ganhar. Disse como se dá um endereço: porque era verdade. Elas vinham juntas de algum lugar e no caminho tinham pensado. Eu, no meu, tinha pensado a mesma coisa, mas na margem de uma ficha, e isso não conta como vir.

De verde não apaga. Segundo risquinho.



— Antes de sair a gente podia fazer uma planta — eu disse. — Com as curvas numeradas.

Eu a tinha meio pronta na cabeça: a porta da loja, o meio-fio, a sapataria, a pracinha, as curvas com o seu número dentro de um círculo, como as estações de um trem.

— Não precisa de planta — disse a Júlia. — É tudo reto até o peixe manco.

A Noa começou a rir. A Júlia, também. Não foi um riso pequeno: dos que começam numa e contagiam a outra antes que a primeira tenha terminado, e voltam, e já não se sabe quem está levando.

— Que peixe?

— O peixe manco é o peixe manco — disse a Noa, ainda dobrada.

— É uma história comprida — disse a Júlia.

— E muito boa — disse a Noa.

Esperei. Estava com o lápis no ar, pronto para anotar a história, caso servisse para o caminho. Não me contaram. Foram se acalmando aos poucos, secando os olhos na manga, e quando uma olhava para a outra, voltava um pouco, como o soluço.

Baixei o lápis. Terceiro risquinho.



A Mara tirou o teatrinho da caixa na porta da loja, na calçada, e a caixa ficou lá dentro com a sua etiqueta e os seus nove carimbos. A Noa prendeu a correia no primeiro furo.

— Assim solta mais rápido quando a gente chegar.

Era uma boa razão. Anotei: "Furo 1: solta mais rápido". Não anotei o resto, porque o resto eu ainda não sabia.

Eu ia na frente e a Noa, atrás, cada um com uma mão na sua alça. Na frente se vê a rua. Atrás só se vê teatrinho: um metro de madeira e pano pintado a um palmo do nariz, como andar atrás de um armário. A Noa levava a outra mão perto da correia, por costume ou pela regra da Irene, e contava em voz baixa. Contava passos. Da frente eu a ouvia: "... vinte e um, vinte e dois...", no mesmo tom com que outros cantarolam.

A Irene vinha por último, com a pasta e o apito. Não dizia por onde. Dizia "pare" quando havia um meio-fio. Dizia uma vez só, sem levantar a voz, e a gente parava, e era como se a rua inteira tivesse parado com a gente.

A Júlia abria passagem muito bem. Ia uns passos na frente, andando de costas e mexendo os braços como quem manobra um caminhão.

— Passagem, que lá vai um teatro!

A dona da sapataria saiu à porta para ver, com um sapato meio amarrado na mão. Um senhor com um cachorro esperou num portão; o cachorro também esperou, que é mais difícil. Longe, do outro lado do bairro, tocou um sininho. Tlim.

— A RAIO está ensaiando a prova dela — disse a Noa. — Eles vão de bicicleta, com um envelope. Nós vamos a pé, com isto.

— Com isto não se corre — disse a Irene.

O Toninho tinha me contado na segunda: em cada estação da RAIO é preciso chegar os três juntos, ou não vale. Anotei na hora, sem saber para quê.

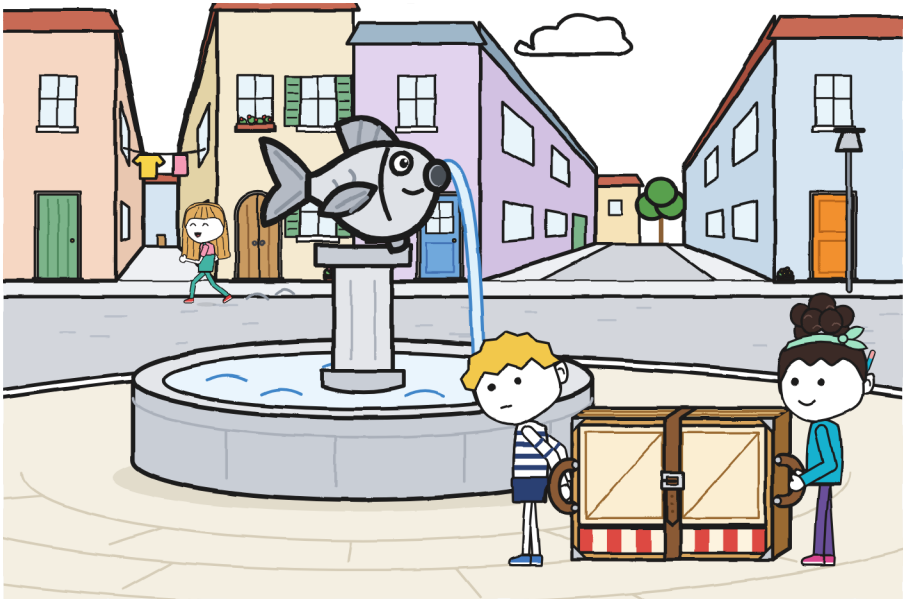


Chegamos à pracinha da fonte. É redonda, com bancos em volta e uns pombos que não saem do caminho de ninguém. A Júlia se virou, gritou a indicação e saiu correndo em direção ao centro, para ir segurando o portão.

— Até o peixe manco e virar!

E já não estava mais ali. Vi o macacão dela um instante entre duas pessoas e depois, nada.

No meio da fonte tem um peixe de pedra, no alto de uma coluna baixa, de boca aberta, como se fosse dizer alguma coisa e tivesse pensado melhor. Olhei bem. Do meu lado ele tinha todas as nadadeiras.



Pensei rápido, que não é o meu forte. O meu forte é pensar devagar e com uma régua. Mas o teatrinho pesava, a Noa estava atrás sem ver nada, e a rua seguia andando em volta. Apoiei o caderno na alça e escrevi duas linhas:

1. Peixe da fonte: nadadeiras à vista, todas. Não é manco. Deve haver outro peixe.
2. Virar: para que lado? Esquerda, rua estreita. Direita, rua larga. Um teatrinho vai melhor pelo largo.

Embaixo, uma seta grossa para a direita. Era um raciocínio impecável. A única coisa errada era o começo.

— Viro agora? — perguntei para trás.

— No peixe manco! — disse a Noa de trás do teatrinho.

A Noa não via nada além de madeira. Dali, o peixe manco era uma palavra, e a palavra estava bem dita.

Continuei procurando outro peixe. Olhei os portões, os letreiros, uma peixaria que resultou ser uma loja de ferragens. Não tinha. Virei à direita.



Ninguém disse "curva". Ninguém segurou a correia. No primeiro furo, a fivela aguenta pouco.

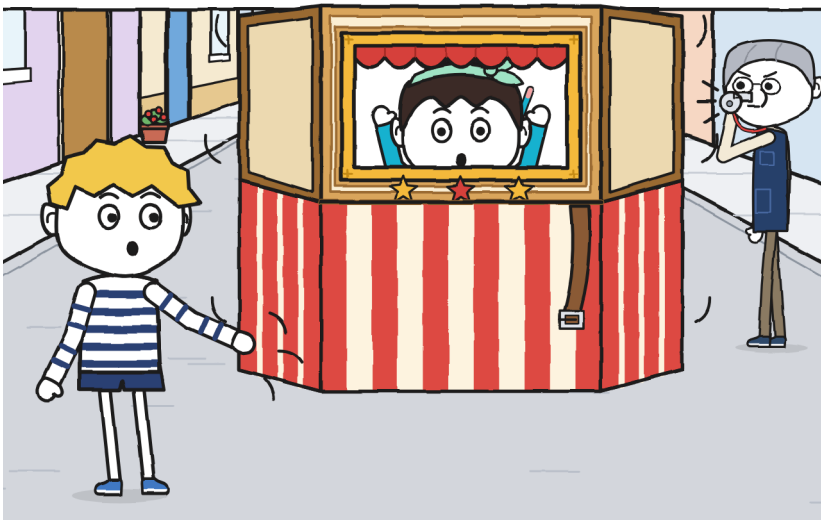
Clac. Clac. Clac.

Os painéis se abriram devagar, um atrás do outro, em volta da Noa, como as folhas de uma alcachofra que alguém abrisse por dentro. A Irene tocou o apito. Quando o barulho parou, no meio da rua havia um teatro. E dentro do teatro, a Noa.

— Oi — disse ela pela janela.

Estava com as mãos para cima, longe das dobradiças, como lhe tinham dito. A correia pendia até o chão. Eu continuava com a minha alça na mão, que já não era alça de nada: era a borda de um palco.

CLAC, CLAC, CLAC!



A Irene olhou as mãos da Noa. Depois, as minhas. Olhou de verdade, dedo por dedo, dos dois lados. Estavam todas inteiras: os painéis pesam pouco e abrem devagar.

— Quem orientava? — perguntou.

Ninguém respondeu. Quem orientava estava segurando um portão, duas ruas adiante.

Dobramos entre a Irene e eu, com as mãos nas barras laterais, sem pressa, painel por painel. A Noa, já de fora, prendeu a correia, e desta vez puxou duas vezes. Enquanto isso, medi: do meu pé à fonte, quatro metros. Anotei com a fita ainda esticada no chão, do meu sapato até a borda de pedra.

A Júlia voltou correndo.

— Mas era no peixe manco!

— Que peixe manco?

— Esse! — Apontou a fonte. — À esquerda. Como sempre.

— "Sempre" é de antes de eu chegar.

Não falei zangado. Falei como se corrige uma data. A Júlia ficou com o braço esticado para a fonte um segundo a mais, e depois se virou para a Irene, que estava com a pasta aberta.

— É que o Guto se perdeu.

Eu não tinha me perdido. Sabia exatamente onde estava: a quatro metros da fonte. Tinha acabado de medir.

A Noa nos olhava, um e outro, com a caderneta fechada contra a blusa. A Irene anotou alguma coisa. Não disse o quê.

Isso também decidiram sem mim. Quarto risquinho.

Eu disse em voz alta e na frente de todo mundo. Eu sei. —J.



Me mostraram o outro lado do peixe. Demos a volta na fonte os três, com o teatrinho dobrado entre a Noa e eu, e a Irene atrás. Falta uma nadadeira, a da esquerda. De onde se chega pela rua da loja não se vê: o peixe mostra o lado bom, como os que posam nas fotos. Para enxergar, é preciso saber que ela não está.

Desenhei pelos dois lados, um ao lado do outro. O mesmo peixe, dois peixes.

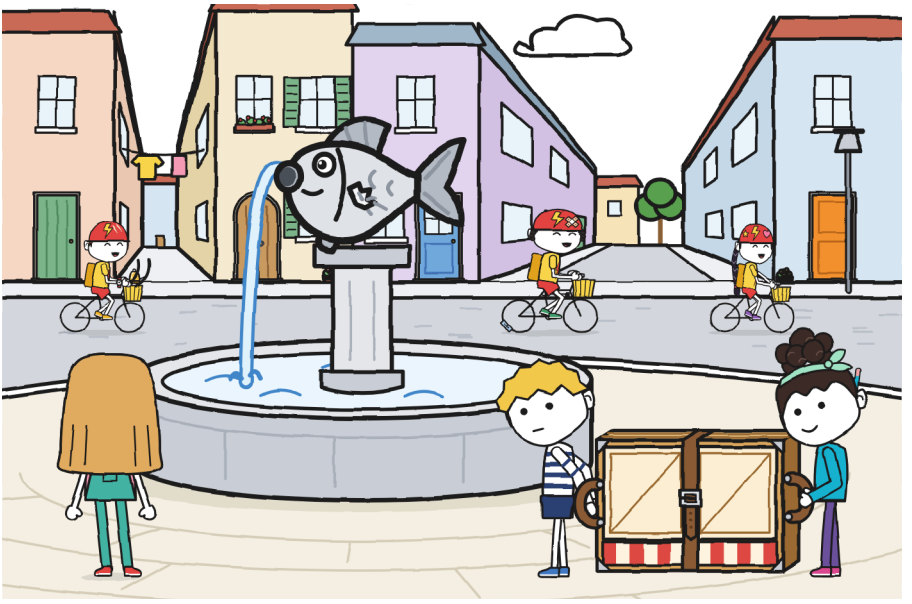
Repetimos a curva. Voltamos uns metros, à boca da rua, e fizemos de novo, agora com a Júlia ao meu lado. Da primeira vez eu disse "curva" cedo demais, e a Noa segurou a correia diante de um portão, à toa. Da segunda, tarde demais: com meio teatrinho já na curva e a Noa procurando a correia às cegas. A terceira saiu. Saiu bem, sem clac. Mas ninguém falava. Nem a Júlia, que sempre fala.

Então a RAIO passou pela rua: Zoe, Bruno e Toninho, em fila, com as mãos no guidão. Tlim na esquina. A Zoe na frente, com a trança ao vento; o Bruno no meio, com o envelope no cesto; o Toninho por último, com um dedo na campainha. Deram a volta na fonte sem frear e sem se tocar, à mesma distância um do outro o tempo todo, como os ponteiros de um relógio que nunca se alcançam.

— Estação um, de primeira — disse o Toninho ao passar.

Não disse por nossa causa. O Toninho anuncia os dados em voz alta, mesmo sem ninguém para ouvir; é isso que faz dele a RAIO. Mas nós ouvimos.

A Júlia estava de braços caídos. Os da Júlia nunca estão caídos: vão, vêm, apontam, abrem passagem. Naquela tarde, enquanto a campainha se afastava, pendiam dos lados como duas alças sem teatrinho.



Chegamos ao pátio quase de noite. No último trecho não foi preciso orientar: o portão estava à vista. A Júlia o segurou com a mão e não disse “passagem!”. A Mara nos esperava lá dentro. Guardou o teatrinho na caixa e levou para a loja, para dormir na prateleira dele.

Anotei o de hoje no medidor, embaixo da linha verde, e acrescentei uma coluna nova, estreita, a lápis: “abriu · repetido 3 vezes”. As três casinhas tinham nome e, mesmo assim, tinha se aberto um teatro na rua. Faltava alguma coisa no medidor. Não soube o quê. Desenhei ao lado um ponto de interrogação grande, do tamanho dos que ponho quando a pergunta não é do bairro, e sim do aparelho.

O meu nome aparece duas vezes nessa linha. E eu não estava em nenhuma das duas. –J.



Em casa, depois do jantar, sentei à mesa com a luminária acesa e abri o caderno na última página.

Ali desenhei o que eu tinha encontrado na terça atrás do muro. Com cuidado, com a régua, com os metros que eu tinha anotado apoiando o caderno no joelho. Saía muito bem. Saía tão bem que fiquei olhando um tempo com o lápis parado.

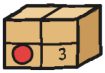
Minha mãe apareceu na porta para dar boa-noite. A essa altura eu já estava com a mão em cima do desenho. Ela deu, olhou a minha mão, não perguntou e fechou a porta.

Tapei com a mão, mesmo estando sozinho. De um lado aparecia um pedaço de muro e meio cadeado.

Pensei: "Amanhã elas vão falhar de novo. Aí eu mostro".

Pareceu um bom plano. Tinha até hora marcada.

Essa página eu li na quinta. Não gostei. A minha da quarta, também não. –J.



CAPÍTULO 3

A planta do Guto serve?

Naquela noite, quando a mão se cansou de tapar, fiz a planta inteira.

O pátio visto de cima, como o veem os pombos. O muro medido, trecho a trecho, com os números que eu tinha anotado na terça no joelho. O portão, com a sua seta de fechar sozinho. A fonte, com o peixe desenhado pelo lado ruim, para não enganar mais ninguém. A loja, num canto, pequena. Os três trechos, numerados dentro de um círculo. E, atrás do muro, a coisa da terça.

Ficou uma planta muito boa. Das melhores que já fiz, e fiz muitas. Fiquei olhando um tempo com a luminária inclinada, para o lápis não fazer sombra. Depois dobrei em quatro, apertando as dobras com a unha, e guardei dentro do caderno, entre duas páginas que não tinham nada a ver.



Na quinta, na loja, a Noa estava contando.

Estava na calçada, diante da vitrine, e andava até o meio-fio com passos largos e todos iguais, sem olhar os pés. Olhava para a frente, para onde ia, e mexia os lábios.

— Da porta ao meio-fio, seis passos. Do meio-fio ao poste, onze.

— Isso se mede com fita — eu disse.

— Eu meço em passos. Eu sempre os trago comigo.

Pensei. Era verdade: a fita é preciso tirar, esticar, segurar com o pé, e depois ela enrola sozinha e morde um dedo. Os passos não se esquecem em casa.

— Quanto mede um passo seu?

— Um.

Medi um passo dela. Estiquei a fita no chão da loja e a Noa deu um passo largo em cima, dos dela, sem pensar, como quem assina. Abaixei para ler a marca: cinquenta e oito centímetros. Ela anotou na caderneta. Eu, no caderno. As duas letras diziam a mesma coisa: "1 passo da Noa = 58 cm".

— E o seu? — perguntou.

Eu não sabia. Medi. Dei um passo em cima da fita, um normal, desses de ir para a escola, e a Noa abaixou para ler, porque eu, de cima, não alcançava sem mexer o pé: cinquenta e um centímetros. Ela anotou também. Eu tinha a vida inteira com os passos comigo e nunca os tinha contado.

A Júlia nos olhava do balcão, de braços cruzados e uma sobrancelha levantada, como quem vê dois relógios marcando a mesma hora.

Eu achava que a Noa ia ser outra Júlia. Não é. A Noa conta.



Fomos ao pátio com a Irene. A Júlia e a Noa queriam testar a ideia delas: abrir as duas folhas do portão.

A primeira folha abre e fecha sozinha: a gente já conhecia. A segunda não abriu. As duas puxaram, cada uma com as duas mãos e os pés fincados no chão, a Júlia vermelha e a Noa contando até três em voz alta, e no três não aconteceu nada. A Irene abaixou para olhar. Tem tinta por cima da tinta, e um parafuso no chão que a prende, grosso como um dedo.

— Então a etiqueta está errada — disse a Júlia.

— Com certeza — disse a Noa.

Decidiram em dois segundos. Contei. Peguei o lápis para o risquinho. Era o quinto.

Não fiz.

O lápis ficou a um dedo do papel. Olhei a fileira de risquinhos, no canto da página: quatro, bem feitos, retos, todos do mesmo tamanho. Eu os tinha feito com muito cuidado. E faltava um.

Na terça, atrás do muro, eu também decidi uma coisa sem perguntar a ninguém: me calar.

Embaixo de DECIDIDO SEM MIM, com a mesma letra e a lápis, escrevi outra linha: DECIDIDO SEM ELAS. E um risquinho. Saiu mais torto que os outros.



— A etiqueta não está errada — eu disse. Saiu mais alto do que eu queria. — O pátio tem outra porta. Fica atrás, no beco do canal. É velha e tem um cadeado. Eu achei na terça.

Tirei a planta do meio das páginas e desdobrei em cima do teatrinho dobrado, que estava no chão e fazia de mesa. As dobras a partiam em quatro, em cruz, como uma janela.

— Na terça? — disse a Júlia.

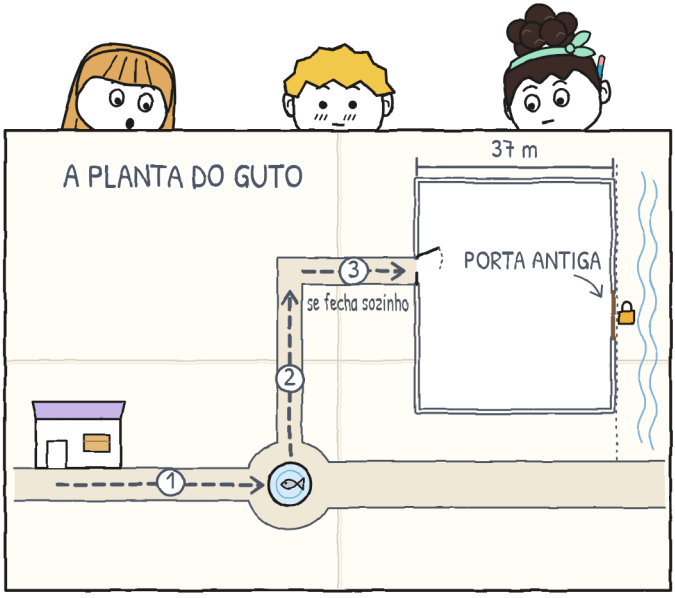
— Na terça. Eu guardei para ter razão depois.

As três cabeças se inclinaram sobre o papel. O muro: trinta e sete metros. O portão, de um lado, com o seu "se fecha sozinho". E do lado contrário, uma porta de duas folhas com um cadeado desenhado de frente, para ficar bem visível: PORTA ANTIGA.

Ninguém disse nada por um tempo. Eu medi: foi longo. Ouvia-se o xadrez do outro lado do muro, uma peça contra um tabuleiro, de vez em quando, como um relógio sem pressa.

— Tá bom — disse a Noa. E copiou a porta no mapa dela.

Copiou com o lápis turquesa, com cuidado, contando com a ponta os quadradinhos da minha planta para pôr no lugar. Não perguntou mais nada. Para a Noa, uma porta que existe é uma porta que se anota.



A Júlia não disse “tá bom”. Mexia um pé. O sapato vermelho dela ia e voltava no chão do pátio, tac, tac, tac, num ritmo que eu conheço: o das coisas que não vão ser ditas logo.

— Ontem teria nos ajudado muito.

— Pois é.

Ontem, com a planta no caderno, eu tinha medido quatro metros do meu pé à fonte enquanto a Noa estava dentro de um teatro.

No pátio não tem canto. Eu também não procurei. Fiquei onde estava, com a planta aberta e as duas mãos em cima, para o vento não levar.

Eu não disse "tá bom" porque ainda não era verdade. –J.



Fomos ver a porta os três, com a Irene. Saímos pelo portão, que se fechou atrás com o seu clique, e demos a volta no muro. A Noa o contou, em voz baixa, com os lábios: sessenta e quatro passos. Eu já tinha: trinta e sete metros. Fiz de cabeça, sessenta e quatro vezes cinquenta e oito, e deu trinta e sete e um pouco. Dava a mesma coisa.

A Noa me olhou quando eu disse. Não disse nada, mas anotou "37 m" ao lado dos passos dela, e eu anotei "64 passos" ao lado dos meus metros.

O beco do canal é estreito e cheira a água parada. Ao fundo se vê o parapeito e, atrás, o canal, que passa sem olhar. A porta antiga é de madeira, de duas folhas, larga como a cama de um gigante. A Noa a mediu de um lado ao outro: três passos. Eu medi: um metro e setenta e cinco. Quase dois portões. A madeira está cinza de tanta chuva em cima. O cadeado tem mais ferrugem do que cadeado.

A Júlia o tocou com um dedo, só com a ponta, como se toca algo que poderia morder.

— Faz anos que está fechada — disse a Irene. — Eu sempre a vi assim.

A Irene procurou no registro do centro, que leva na pasta, folha por folha, passando com o polegar molhado, até achar uma folha amarela.

— Aqui está. Quando esta porta era usada, entrava-se no pátio por dois lugares: pelo portão ou por aqui. Chamavam de "o das duas portas". E de todos os grupos, só o teatro ensaia no pátio.

Na folha havia uma planta antiga, a tinta, do pátio com as duas portas, e um letreiro: PÁTIO DAS DUAS PORTAS. Era parecida com a minha. Mais velha e pior medida, mas parecida. Contei as portas: duas. Na minha, também duas. Era a primeira vez que a planta de outra pessoa me dava razão, e tinha sido desenhada por alguém muito antes de eu saber onde ficava este bairro.

— Então a etiqueta não é um enigma — disse a Noa.

— É um endereço — eu disse.

"Oficina do pátio. Entrada pelas duas portas." Estava bem escrita. Era velha, só isso.

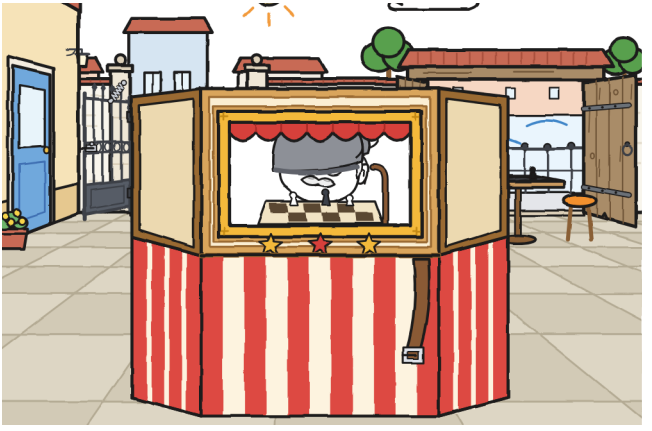
A Mara disse depois que viu aquele cadeado nove vezes. Achou que uma porta fechada não contava mais. —J.

A chave estava na pasta, num envelope: "Porta antiga. Não perder". A Irene a tirou com dois dedos, olhou como se olha alguém que você não vê há muito tempo, e abriu o cadeado. Custou. Primeiro não girou; depois girou de uma vez. A porta fez um barulho de barco.

Lá dentro, no pátio, o pessoal do xadrez tinha posto as mesas no sol. Ninguém levantou a cabeça. Uma porta que está anos fechada se abre ao lado deles com um barulho de barco e o pessoal do xadrez não levanta a cabeça: isso também é um jeito de jogar.

A Irene abriu o teatrinho no meio, para ver quanto espaço deixava entre as duas portas. Abriu com a Noa, as duas com as mãos nas barras laterais. Clac, clac, clac. Deixava de sobra.

Pela janela do teatrinho se via Don Antonio, com a boina sobre os olhos e a bengala entre os joelhos, diante de um tabuleiro. Estava pensando numa jogada. Roncava um pouco. Deixei-o dentro da moldura um tempo, olhando, e não quis me mexer para não mudar o quadro.



— No sábado eu abro as duas — disse a Irene. — As bicicletas entram pela antiga, pelo beco do canal. As cargas a pé, pelo portão, pela calçada. Assim não se cruzam.

— Mas a antiga é mais larga — disse a Júlia. — E não se fecha sozinha.

— E o portão é o de vocês. Se a oficina levar o teatrinho a uma praça, vai haver portas piores.

A Júlia abriu a boca. Ficou com ela aberta um momento, com a frase pronta, e não a disse. Olhou para a Noa. Olhou para mim.

— O que você diz?

Era a primeira vez em toda a semana. Anotei com a data: "Quinta 29. O que você diz?". Anotei antes de responder, para não esquecer a pergunta enquanto pensava na resposta.

Eu disse que o portão, mas ensaiado. A Noa disse o mesmo. A Júlia disse que tá bom, e dessa vez era verdade pela metade. Uma metade a mais que antes.



Depois consertamos o medidor. Pusemos em cima do teatrinho dobrado, que já era a nossa mesa de sempre, embora só fizesse dois dias que era. Tinha três casinhas, e nenhuma servia para o de ontem nem para o meu.

A casinha nova desenhamos entre os três. Eu fiz o quadro, a lápis. A Júlia escreveu o nome, em verde. A Noa fez o

desenhinho, em turquesa: uma boca com risquinhos, como os que saem de um rádio.

- AVISAR: dizer o que se sabe.

Na linha da quarta, na casinha nova, a Júlia escreveu: "ninguém". Na da terça, escrevi eu: "Guto, não". Escrevi devagar e com a letra de sempre, nem maior nem menor, e não apaguei.

O medidor de três tem quatro casinhas. Não estou reclamando. A quarta é a que mais me custa. –J.

Voltamos pela fonte. Entardecia, e a água tinha ficado da cor do caderno. Parei na frente do peixe, pelo lado manco. Faltava a nadadeira como na quarta, mas agora eu já sabia olhar.

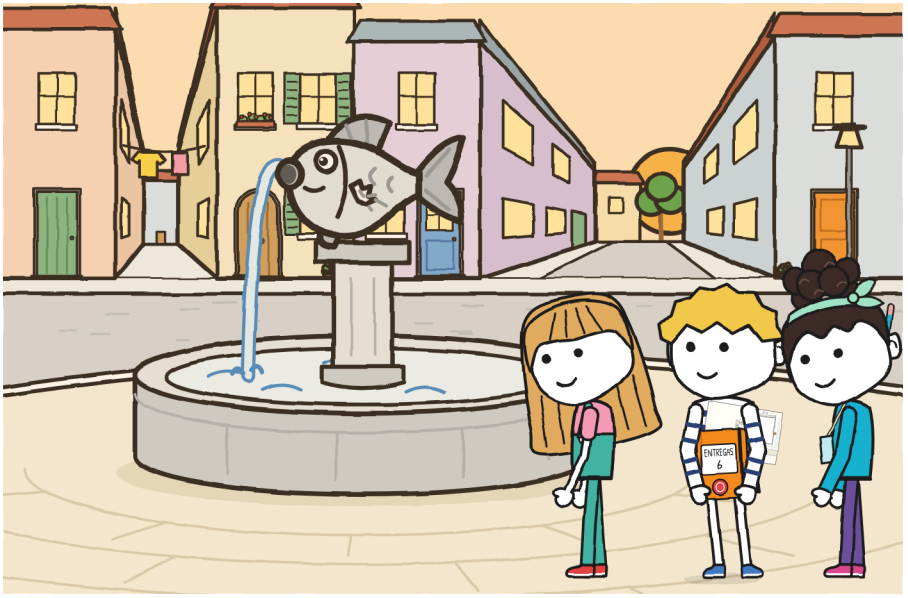
— Vocês me contam a história?

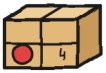
A Júlia e a Noa se olharam. Não riram. Algo apareceu nelas, uma pontinha do riso da quarta, e guardaram, cada uma o seu.

— É comprida — disse a Júlia.

— No sábado — disse a Noa. — Se a gente chegar.

Não era um não. Guardei a planta no caderno, dessa vez sem dobrar, com metade da planta aparecendo.


ENTREGAS
6



CAPÍTULO 4

Qualquer um pode dirigir?

Na sexta, o Toninho veio à loja com o relógio, um lápis e a ficha de inscrição da RAIO presa com um prendedor a uma prancheta. Deixou no balcão para a gente ver, como se deixa um troféu que ainda não foi ganho.

GINCANA DO BAIRRO · SÁBADO 31. Equipe: RAIO. Embaixo, três nomes numerados: Zoe, Toninho, Bruno. Tudo com a mesma letra pontuda, que não era a do Toninho. Nenhum nome riscado.

— Quem escreveu foi a Zoe — disse ele. — O Bruno ditou: "Bruno, com B".

— E a Zoe?

— Escreveu Bruno. Com B.

Conferi. O B estava lá, e era muito firme, dos que se escrevem quando alguém está olhando o seu lápis.

Depois ele sentou na caixa dele, a do "por enquanto", e zerou o relógio com um clique que se ouviu na loja inteira.

— Hoje eu cronometro. Não opino. Anoto o que precisa repetir.

O Toninho é da RAIO e é da loja, e naquela tarde parecia ter resolvido como ser as duas coisas ao mesmo tempo: na prancheta, a ficha da equipe dele; no pulso, o nosso tempo.



Havia três ideias, uma por cabeça. A da Noa: revezamento. Três trechos, e em cada um orienta uma pessoa diferente. A minha: que orientar e abrir passagem fossem da mesma pessoa, a que vai livre, porque os dois que carregam só veem teatrinho; eu sei porque na quarta fui um deles e o que vi, principalmente, foi pano pintado. A da Júlia: começar já.

Eu disse que antes era preciso olhar o caminho inteiro, na planta.

— A gente olha andando — disse a Júlia.

Ela ganhou. Andando, o caminho se olha muito depressa.

— Quem orienta o primeiro? — perguntou a Noa.

Apontamos os três ao mesmo tempo. Na terça já tínhamos feito isso, e cada um tinha apontado um lugar diferente: o portão, a sala, a rua. Desta vez ninguém apontou um lugar. Eu apontei a Noa, a Noa apontou a Júlia e a Júlia apontou para mim. Três braços em roda, como os raios de uma roda que não pensa em girar, e no meio, no chão, o teatrinho dobrado. Ninguém apontou para si mesmo.

O Toninho anotou sem levantar a vista. A Irene esperava na porta, com a pasta contra o peito, sem opinar também. Naquela tarde havia na loja duas pessoas que não opinavam, e uma terceira, a Mara, que nunca opina em voz alta, então o plano saiu dando a volta na roda:

1. Loja → fonte: orienta a Júlia.
2. Fonte → esquina: orienta o Guto.
3. Esquina → pátio: orienta a Noa.



Antes de levantar o teatrinho, a Júlia disse:

— Uma coisa.

Não tinha anunciado. Pôs-se na minha frente; não na frente do teatrinho, nem da Noa, nem da porta: na minha frente, com os braços colados ao corpo como se os tivesse amarrado para não escaparem.

— Na quarta eu dei uma indicação que só a Noa entendia e depois disse que você tinha se perdido.

Não disse mais nada. Não precisava: estava tudo ali. O que tinha acontecido, quem tinha feito e com quem. Eu, para o mesmo, teria precisado de uma página e, no pé, uma nota com asterisco.

Olhei os pés dela. Os pés da Júlia são feitos para ir embora; quando ela fala, um dos dois já está a caminho de outro lugar. Desta vez estavam parados os dois, juntos, plantados nos

ladrilhos como se os tivesse estacionado com o freio puxado. Atrás de mim, a Noa, já com a mão na alça dela, olhava o chão com muitíssimo interesse, para não incomodar. O Toninho estava com o lápis parado a um centímetro da ficha.

— Tá bom — eu disse.

Aprendi com a Noa, na quinta. Saiu inteiro.

E como não sei aceitar nada sem fazer uma pergunta, fiz uma:

— De que lado falta a nadadeira do peixe?

— Do esquerdo, conforme você chega — respondeu a Júlia, sem pensar, como quem estudou a resposta. — Na fonte, curva à esquerda. Eu aviso cinco passos antes.

— Isso sim é uma indicação.

Tinha lado, lugar e aviso. Copiei tal e qual no caderno, com o seu "conforme você chega", que era justamente o que tinha faltado na quarta.



Os dois pés parados. Confira no desenho. –J.



Trecho um. A Noa prendeu a correia no segundo furo. Eu disse que no terceiro aguentava mais.

— No terceiro demora para soltar — disse a Noa. — E na chegada tem pressa.

Eu disse uma vez, em voz alta, e perdi. As alças pesavam igual.

Saímos. A Irene, a última, a dez passos, com a pasta; o Toninho, pela rua, com a bicicleta na mão e os olhos no pulso. A Júlia ia três passos na frente e, na entrada da pracinha, levantou um braço para a esquerda.

— Cinco passos... Curva à esquerda!

— Correia! — disse a Noa. E segurou.

Contornamos o peixe manco como se sempre tivéssemos feito isso. Do meu lado, o peixe continuava tendo todas as nadadeiras; eu já tinha aprendido a não confiar nele. Nenhum clac.

— Trecho um: seis minutos — disse o Toninho. — Repetido: nada.

Na fonte trocamos. A Júlia e a Noa, nas alças; eu, livre. Era a primeira vez na minha vida que eu dirigia algo que não fosse um lápis.

Eu tinha preparado. Na noite anterior, sob a luminária, tinha medido na planta a rua estreita: dois meios-fios, um portão que sobressai, uma tampa de bueiro que dança e uma faixa de pedestres. O caminho curto, o delas, cruza na diagonal por onde não tem faixa. O meu desce o meio-fio, cruza pela faixa e volta a subir: nove passos a mais e dois "pare" que o outro não tem. Eu tinha numerado tudo. Mas uma planta não tem senhoras.

Eu oriento assim:

— Três passos. Pare. Meio-fio. Sobe. Dois passos. Pare. Uma senhora.

A senhora vinha de frente com um carrinho de compras.

— Boa tarde.

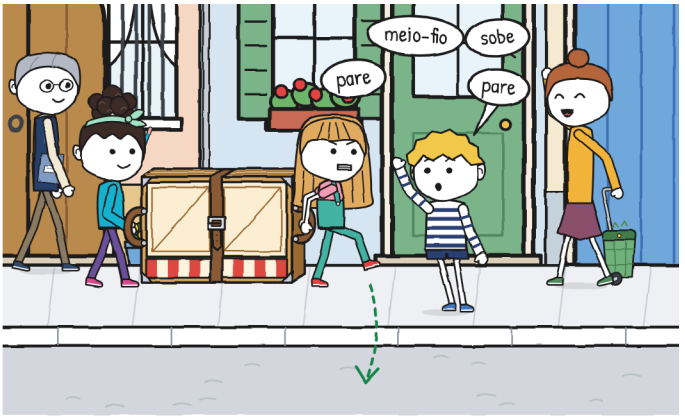
Ela me devolveu o cumprimento. Eu não baixei a mão.

— Passa a senhora. Quatro passos.

Ia andando de lado, como os caranguejos e os guardas, com uma mão no alto. Uma mão no alto é a única coisa que tem um guarda de trânsito, e os ônibus obedecem. "Pare" eu tinha ouvido da Irene na quarta: ela não diz por onde; diz "pare" quando há um meio-fio. Na hora achei pouco. Do lugar de quem orienta parece muitíssimo: é a única palavra que para ao mesmo tempo duas pessoas, um teatro e, se for preciso, uma senhora.

— Pare. Tampa. Pisamos pela borda, não pelo centro. Dois passos.

A Júlia ia na frente, com a alça dela, sem dizer nem um pio. Isso, na Júlia, é notícia. O pé dela ia sozinho para o caminho curto: saía na diagonal, como sai a mão para a campainha de uma casa conhecida, ficava um momento no ar e voltava à minha linha. Ela o devolvia ao meu. Vi acontecer quatro vezes. Na quarta apertou os lábios, e não os soltou até a esquina.



A Noa, atrás, mexia os lábios. Pensei que contava passos, que é o que ela sempre faz. Na rua, o Toninho olhava o relógio e depois para mim, e depois o relógio, como quem compara duas coisas que não se entendem.

— Pare. Esquina.

Chegamos. Ninguém tinha precisado dar marcha a ré.

— Trecho dois: onze minutos — disse o Toninho. — É o mais lento que cronometrei na minha vida. Repetido: nada.

Onze minutos são muitos minutos. Não me importei. Os minutos quem anotou foi o Toninho; o outro eu anotei, com letra pequena, para não se gastar: era a primeira vez que eu comandava alguma coisa e não precisava repetir.

— Você disse "pare" catorze vezes — disse a Júlia.

— Eu contei — disse a Noa. — Quinze.

Então ela não contava passos.

— Sobravam seis — disse a Júlia. — Mas eu fiz todas.

— Não sobrava nenhum — eu disse.

— Seis.

O Toninho não anotou quem tinha razão. Anotou o número: "'pare': 15 (conta a Noa)". A Júlia destampou a canetinha e desenhou ao lado, em verde, um caracol com o capacete da RAIO. O Toninho ficou olhando um tempo. Não apagou. Na ficha do Toninho não se apaga nada.

Eu não discuti nenhuma. Os dentes doíam de tanto apertar. —J.



Trecho três, da esquina ao pátio. Carregávamos a Júlia e eu; orientava a Noa, com o mapa da gincana que a Irene tinha distribuído a todas as equipes.

Aos vinte passos ela parou, onde começa o beco do canal.

— Não bate.

— O que não bate?

— O mapa nos manda por aqui. Até a porta antiga. E a gente entra pelo portão, que fica do outro lado.

A Júlia começou a se virar para ver, com o teatrinho inteiro atrás da curva e ninguém na correia.

— No chão — eu disse.

— A gente olha um segundo e segue.

— Primeiro se deixa. Depois se discute.

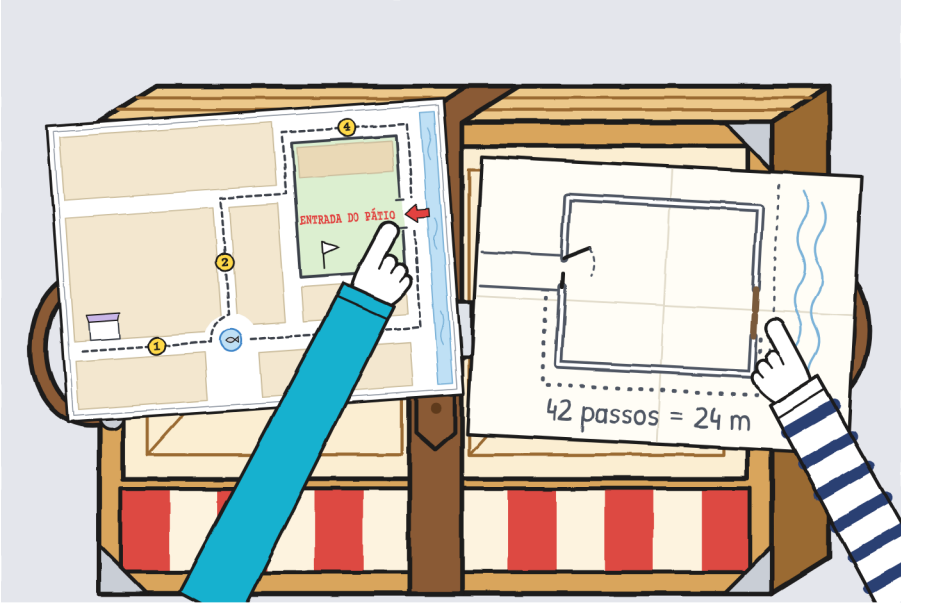
A Júlia olhou a correia, olhou para mim e baixou o lado dela. Eu baixei o meu. O teatrinho ficou na calçada, chato e obediente, que é como fica melhor.

Pus a minha planta ao lado do mapa dela, em cima do teatrinho, que de novo nos fazia de mesa. Desde a quinta eu a levo sem dobrar, e se nota: ocupa meio caderno e aparece por cima como uma língua. No mapa da gincana só tinha uma entrada pintada, com uma seta vermelha, e não era o portão: era a porta antiga. A do cadeado. A que na terça eu achei sozinho e me calei por dois dias.

— É um mapa velho — eu disse. — De quando se entrava por ali.

A Noa pôs um dedo no dela e eu, no meu. O mesmo lugar, em dois papéis.

Dali até o portão eram quarenta e dois passos da Noa. Ou vinte e quatro metros meus. Com o passo dela e a minha fita dá para medir o bairro inteiro.



— A gente conta para a Irene? — perguntou a Júlia.

A Irene estava a dez passos, com a pasta. Tinha ouvido tudo, tenho certeza, e esperou que a gente contasse, como se espera que alguém termine uma frase.

— E para as outras equipes — disse a Noa. — Senão, quem vai a pé entra todo mundo no beco. Com as bicicletas.

Imaginei o beco no sábado: cinco equipes, cada uma com a sua carga, e três bicicletas da RAIO tocando a campainha diante de uma porta.

Eu não disse nada. Estava de acordo. Um acordo não deixa risquinho.

A Irene sentou num banco do pátio com todos os mapas nos joelhos e corrigiu um por um com uma canetinha vermelha: riscava a seta velha e desenhava duas, uma com uma bicicleta na porta antiga e outra com um fardo no portão. O Toninho comparou o dele com a minha planta, linha por linha.

— A RAIO pensava entrar por onde dizia o mapa.

— Vocês entram por ali — disse a Irene. — Para as bicicletas, o mapa estava certo. Por acaso.

O Toninho ficou olhando o mapa dele com a cara de quem descobre que tinha razão sem ter feito nada para ter, o que na RAIO não pontua.



Voltamos à esquina e repetimos o trecho três, agora até o portão. A Júlia e eu carregávamos, e a Noa orientou, abriu passagem e avisou, tudo ao mesmo tempo:

— Pare! Seguro a folha! Passa!

Passamos. Preenchi o medidor. Na linha "esquina → pátio" pus: Guto e Júlia, Noa, Noa, e na quarta casinha, "Noa: 'o mapa está errado'". Cada nome, da sua cor: lápis, verde e turquesa.

Era a primeira linha com todas as casinhas preenchidas. A casinha de avisar nós a tínhamos inventado na quinta por minha

causa, e quem a estreou foi a Noa. Escrevi o nome dela com a letra mais clara que tenho.

O portão pesa. Ela o segurou com as costas, como você na terça. Eu anoto, porque você não ia anotar. —J.



O Toninho nos mostrou a folha dele. Em cima estava escrito, em maiúsculas, O QUE PRECISOU REPETIR:

- Quarta: a curva da fonte, 3 vezes.
- Sexta, trecho 1: nada.
- Trecho 2: nada (lento).
- Trecho 3: a entrada. Não era culpa da equipe: era do mapa.

E no pé, sublinhado duas vezes: "O que mais se repete não são os passos. São as indicações."

— Esse último é uma opinião — disse a Júlia.

— É um dado — disse o Toninho. — Na RAIO, uma direção mal dita se paga duas vezes: na ida e na volta.

Colocou o capacete e foi ensaiar o dele. Na primeira esquina, tlim.



À noite, na loja, a Mara guardou o teatrinho na caixa, e a caixa voltou a ser uma caixa igual a todas. Antes de a tampa descer, a Noa olhou a fivela.

— Amanhã, no terceiro furo. Mesmo que demore mais para soltar.

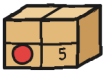
Disse olhando a fivela, não para mim. Era o que eu tinha dito antes de sair. Não anotei em ganhos: ela tinha decidido, na hora dela, e isso vai em outra coluna.

Abri o caderno no canto dos risquinhos: os quatro de DECIDIDO SEM MIM e, embaixo, o meu. Hoje eu não tinha feito nenhum. Repassei o dia com o lápis no ar, como se repassa uma conta antes de dá-la por boa. Contei quatro desacordos. Os quatro eu disse em voz alta. Ganhei um.

Sexta. Desacordos: 4. Ditos: 4. Ganhos: 1.

Na prateleira, a caixa do nº 6 continuava com os seus nove carimbos. Nove. Nem um a mais.

O que você ganhou foi o de deixar o teatrinho no chão antes de discutir. Esse eu te dou de presente. —J.



CAPÍTULO 5

Importa chegar primeiro?

No sábado vesti a camiseta laranja dos sábados. Não é superstição: nos sábados acontecem coisas, e prefiro ir vestido igual em todos para poder compará-los.

— Você combina com o caderno — disse a Júlia.

Encostei o caderno na camiseta para conferir. Ela tinha razão, com uma margem de um tom.

Às onze, o pátio estava com as duas portas abertas pela primeira vez em muitos anos, e havia gente entrando pelas duas: as bicicletas, pela antiga, desde o beco do canal; quem ia a pé, pelo portão, desde a calçada. A porta antiga, escancarada, parecia mais surpresa que todo mundo. Havia bandeirinhas de muro a muro e uma mesa com um cartaz que dizia CHEGADA. A Flora estava sentada na primeira fila com a garrafa térmica, como quem veio ver passar um desfile e pensa em ficar para os fogos. A dona da sapataria, de pé, de braços cruzados. A Vera, com a Migalha no colo; a Migalha, com a cabeça girando para

cada coisa que se mexia, que naquela manhã eram todas. No alto do muro, uma pega. Ninguém a tinha convidado.

A Irene subiu num banco e tocou o apito. Fez-se um silêncio de pátio de escola, que é um silêncio com muito barulho por baixo.

— Cada equipe traz a sua carga até aqui, passando por todas as estações. Com carga não se corre. Quem correr, repete o trecho. E ganha tempo quem não repete.

Anotei palavra por palavra. Era a primeira vez que uma regra de jogo me parecia escrita para mim.



Na lista havia cinco equipes, presa com tachinhas num mural de cortiça:

1. RAIO (Zoe, Toninho, Bruno)
2. O CORO
3. XEQUE
4. AS AGULHAS
5. NOA + 2

A RAIO levava um envelope, de bicicleta. O coro, um atril. O xadrez, um tabuleiro gigante. A costura, um manequim sem cabeça. O nosso a Noa tinha anotado na segunda, antes de me conhecer.

— Somos "Noa + 2" — eu disse à Júlia.

— Eu sou o 2 — disse ela. — Você vai ser o mais.

Olhei a cruzinha entre o nome e o número. Nunca tinha sido um sinal. Anotei como um cargo.

Cada equipe saía da porta onde dormia a sua carga. Quem deu a largada para nós foi Don Antonio, que mora perto e não corre.



Na porta da loja, a Mara tirou o teatrinho da caixa, e o teatrinho cresceu até o seu tamanho de rua. A Noa prendeu a correia depressa e nós o levantamos.

Clac. Um painel se abriu um palmo, como uma boca que se lembra de algo.

— No chão — eu disse.

Ninguém discutiu. Baixamos os três ao mesmo tempo, devagar, como se dentro levasse um ovo. Da segunda vez, a Noa prendeu a correia sem pressa, no terceiro furo, e puxou duas vezes para testar. Eu olhei a fivela e depois a rua. As duas estavam bem.

Don Antonio tirou a boina e a baixou de uma vez, que fazia de bandeira.

— Com calma — disse —, que é assim que se chega.

A Mara fechava a marcha, com a caixa vazia debaixo do braço. Sem nada dentro parecia maior.

Trecho um. A Júlia orientava.

— Cinco passos... Curva à esquerda!

— Correia!

Contornávamos devagar o peixe manco, ocupando a esquina toda, quando a Zoe chegou de bicicleta. Ia na frente de todos. Freou e pôs um pé no chão.

— Passem vocês. Com isso não se corre.

Esperou até sairmos da curva. Depois foi embora. Ficamos na frente dela por vinte segundos. Ela mesma cronometrou.

Freou na hora. A trança demorou um pouco mais. –J.

Em cada estação carimbavam um cartão. O da padaria ficava com a Elisa, que carimbava com o polegar cheio de farinha e apertava como se o cartão fosse massa e precisasse descansar. No nosso deixou três marcas brancas, uma por cabeça, embora tivéssemos chegado quando no da RAIO a farinha já tinha secado.

A RAIO passou três vezes na nossa frente, cada vez por uma rua diferente. De trás de um teatrinho, a RAIO parecia um relógio de cuco: saía, tocava e se escondia. O Toninho levava as duas mãos no guidão e tocava a campainha nas esquinas. O Bruno levava o envelope. A Zoe ia na frente e esperava por eles em cada estação, sem tocar o cartão até estarem os três. Na segunda vez que passaram, o Toninho não olhou o relógio: olhou para nós. Foi o mais parecido com uma opinião que vi nele o dia todo.

No trecho dois carregavam a Júlia e a Noa, e eu orientava. O coro nos ultrapassou, com o atril. Correndo. Soou o apito da Irene, que estava em toda parte ao mesmo tempo, e o coro voltou à fonte cantando baixinho, que é como se canta quando é preciso repetir um trecho.

O xadrez nos ultrapassou, com o tabuleiro de lado e as peças num saco que soava como granizo. Nos ultrapassou até o manequim, na horizontal, levado por três da costura que iam na ponta dos pés, como se o manequim dormisse. Ser ultrapassado por um manequim sem cabeça é uma experiência que não sei medir, e tentei.

A Júlia não correu. Bom: o pé dela foi embora. Ela o devolveu.

— Importa chegar primeiro? — perguntou.

— A etiqueta não diz "primeiro" — disse a Noa. — Diz "dobrado".

— Meio-fio — eu disse.

Subimos.

O coro repetiu o trecho cantando. Na volta afinava melhor. —J.



Trecho três. A Noa orientou até o portão. Ali deixamos o teatrinho no chão.

— Quem abre? — perguntou a Júlia. E esperou a resposta.

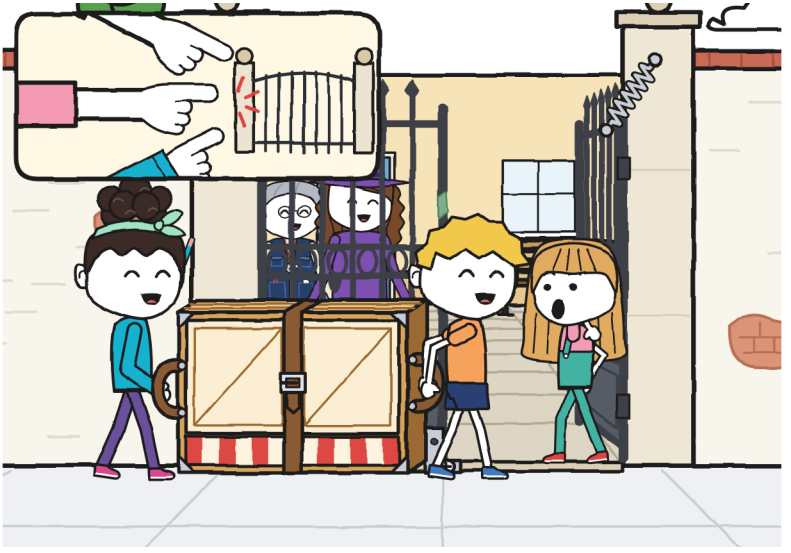
Apontamos os três ao mesmo tempo. Era a terceira vez na semana. Na terça, cada um tinha apontado um lugar. Na sexta, cada um, para outra pessoa. Desta vez, os três, para o mesmo lugar: a Noa apontou o portão, a Júlia apontou o portão e eu apontei o portão. Depois rimos, porque assim não se decide quem. Três braços apontando para uma porta são uma opinião muito firme sobre a porta e nenhuma sobre nós.

— Você — dissemos a Noa e eu.

A Noa foi para a alça dela. A Júlia segurou a folha com as costas e com as duas mãos, os pés bem plantados, e por uma vez nenhum foi embora.

— Pare! Seguro a folha! Passa!

Passamos. Dobrado. Inteiro.



— Quarenta e um minutos — disse a Irene.

A RAIO tinha levado catorze. Estavam os três sentados no chão, ao lado das bicicletas, sem suar. A Zoe me cumprimentou com dois dedos; o Bruno, com a mão inteira.

A Mara veio com a caixa debaixo do braço. A Irene olhou o teatrinho no chão do pátio dela, dobrado, com a correia no lugar, e olhou um bom tempo, de cima a baixo, como se olha alguém que chega de uma viagem longa para conferir que vem inteiro. Abriu a pasta e mostrou à Mara a folha do registro: "Oficina de teatro. Responsável: Irene". A Mara leu como ela lê, com o dedo, primeiro a linha e depois o carimbo. A Júlia lhe deu a canetinha verde, a que não apaga.

— Me serve — disse a Irene. E assinou na etiqueta.

Na etiqueta apareceu a palavra ENTREGUE. Ninguém a tinha escrito. Em volta continuavam os nove carimbos de DEVOLVIDO, um por cada viagem da Mara, e no meio, agora, uma assinatura verde que não pensava em ir a lugar nenhum.



A Irene abriu o inventário do centro para anotar o teatrinho. Não precisou: ele já tinha a sua página. Em cima dizia TEATRINHO DOBRÁVEL · pendente de recebimento, e embaixo, numa casinha que dizia TESTES, havia uma linha antiga, torta, com uma letra horrível:

“Testado no pátio. Dobrado, passa pelas duas portas. Aberto, não. —R.”

Nos inclinamos os três para ler, tanto que as cabeças fizeram sombra.

— É de antes de eu cuidar da oficina — disse a Irene. — Não sei quem é.

— Nós também não — disse a Júlia. — Mas a gente vai sabendo de coisas.

R. esteve nesse pátio e testou o teatrinho antes de mandar. Dessa vez mediu as duas portas: o portão e a antiga. O que R. sabia cabia numa linha. A nós tinha custado uma semana.

A porta da Elisa. As duas do pátio. Mede portas. Guardo para a ficha. —J.



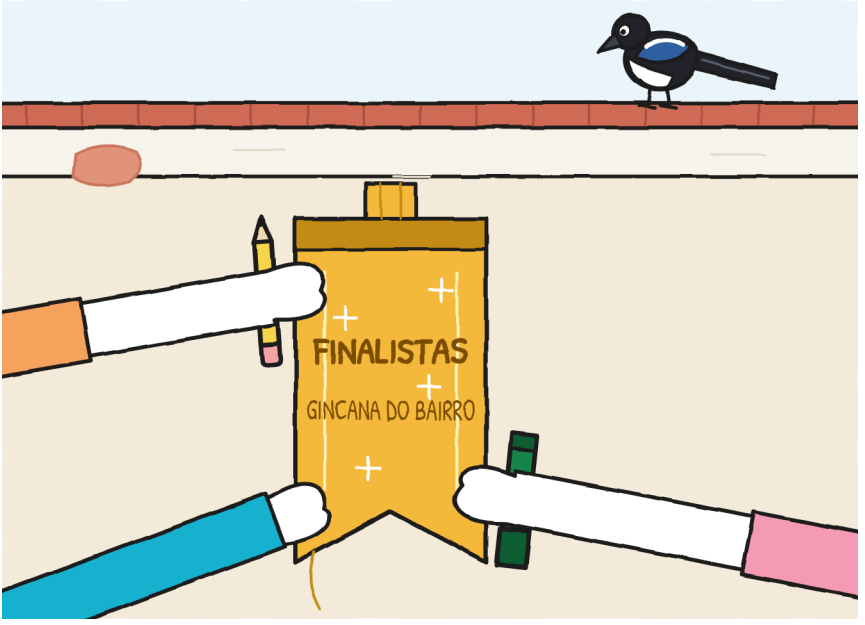
A RAIO ganhou, sem repetir um único trecho. O prêmio era um pão grande da Elisa, com um 1 de farinha em cima. A Zoe o partiu em três pedaços. O do Bruno era do mesmo tamanho que o dela; medi a olho, e o meu olho, com pedaços, não erra.

Às equipes que chegaram com a carga inteira, a Irene deu uma fita. A nossa eu vi de perto porque a segurávamos os três: uma mão com lápis, uma com canetinha verde e uma com manga turquesa. Era de cetim dourado, com brilhos que mudavam de lugar quando você respirava perto, um nó curto em cima e uma

borda que já soltava um fio. Dizia, em letras que se liam de longe: FINALISTAS · GINCANA DO BAIRRO.

No muro, a pega inclinou a cabeça. É o que eu faço diante de uma planta que não entendo.

— Finalista é quem chega por último — disse a Júlia.



— É quem chega ao final — disse a Noa.

— Chegamos por último ao final — eu disse. — Vale para as duas.

— Já que está aqui — disse a Irene —, temos que estreá-lo.

Abriram entre a Mara e ela, com as mãos nas barras laterais. Clac, clac, clac. Era a primeira vez em toda a semana que eu o ouvia abrir de propósito, e soava igual: parece que ao teatrinho dá na mesma.

Nós, atrás. Tínhamos dois minutos para inventar uma peça. A Noa distribuiu os papéis. Antes perguntou:

— Quem quer falar pouco?

Levantei a mão. Foi a mão mais rápida de toda a gincana.

A Migalha se soltou da Vera, voou um metro e pousou em cima de um painel, bem empertigada, com o rabo pendurado justo na frente da janela. Naquela semana, por aquela moldura tinham aparecido o Toninho de boca cheia, a Noa no meio da rua e Don Antonio dormindo diante de um tabuleiro. Agora, o rabo da Migalha. A moldura tem um olho infalível para o que não cabe. Já era a peça, e ainda não tinha começado.

A Vera a pegou com os braços esticados, e a Migalha se deixou, com a cara de "não fui eu" que ela copiou de mim no primeiro dia.



A peça se chamou "O pacote que não queria entrar". A Júlia fazia a Mara, com um cone de papel de chapéu. A Noa fazia todas as portas, e saíam todas diferentes só de trocar de pé. Eu fazia o pacote, na janela.

— A oficina? — dizia a Noa. — Aqui, costura.

— DEVOLVIDO — dizia eu.

— A oficina? Aqui, coro.

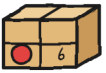
— DEVOLVIDO.

Eu disse nove vezes. O público contava, e o coro, que para isso tinha vindo, contava afinando. Na décima vez, a Noa abriu os braços, e eu disse a outra palavra.

Para saudar o público, nos debruçamos os três na janela. Cabíamos. Apertados. A minha orelha esquerda era da Júlia, e a direita, do coque da Noa. Embaixo, a Mara, a do chapéu de verdade, aplaudia com dois dedos.



Não se divide em pedaços. A gente se aperta. –J.



CAPÍTULO 6

O que fica quando a prova acaba?

À tarde voltamos à loja com a etiqueta. A Noa veio também. Ficou na porta, com a caderneta pendurada, contando com o dedo e com os lábios, sem voz, os pacotes da prateleira.

A Júlia olhou o cartaz. Depois olhou para a Mara.

— Posso?

— É o seu cartaz.

Subiu no banquinho azul, riscou o 15 e escreveu, grande, 14. A Mara colou a etiqueta no livro dela, com as outras cinco, e passou a mão por cima duas vezes, como se alisa um lençol.

Na porta, a Noa terminou de contar.

— Catorze — disse, para ninguém.

— Catorze — disse a Júlia do banquinho, com a canetinha ainda destampada.

O Toninho trouxe a classificação, com o carimbo do centro comunitário, para eu copiar no caderno: RAIO, catorze minutos; XEQUE, vinte e nove; AS AGULHAS, trinta e três; O CORO, trinta e oito, com um trecho repetido; NOA + 2, quarenta e um. Olhei duas vezes. "Bruno" estava inteiro, sem riscar e sem nada por cima. A parte da nossa equipe a Noa consertou com o lápis turquesa, sem ninguém pedir: riscou o "+ 2" e escreveu em cima NOA, JÚLIA E GUTO.

— Na segunda eu não sabia como vocês se chamavam — disse. — Bom. Como o Guto se chamava.

Peguei a ficha de R. Tinha onze pistas. Acrescentei uma: "12. Testou o teatrinho no pátio do centro antes de mandar. Está no inventário." O Toninho leu. Leu também o dele, mais embaixo, PENDENTE: me deve uma explicação, e passou o dedo por baixo, sem tocar a tinta. Não riscou nada.

— Testou o teatrinho — disse. — O meu sininho, não testou.

— Isso a gente não sabe — disse a Júlia.

— Do meu sininho não existe nenhuma linha em nenhum inventário — disse o Toninho. E isso também era verdade.



Depois desdobrei a planta no balcão. Bom: já não estava dobrada. Desde a quinta viajava aberta dentro do caderno, aparecendo por cima, mas tinha as marcas das dobras, em cruz,

como uma janela, e essas não saem. Uma planta se lembra de como a trataram.

Segurei com a fita métrica num canto e com o pote de lápis no outro.

— Falta a sua parte — eu disse à Noa. — O que tem da fonte para lá. Dessas ruas eu só sei os metros.

Essa frase eu não tinha ensaiado. Tinha pensado, que é diferente: durante a peça, debruçado na janela, entre o sexto DEVOLVIDO e o sétimo.

A Noa olhou para a Júlia. A Júlia olhou para o teto, que é o jeito dela de não se meter, e olhou com um interesse que o teto da loja nunca mereceu.

— Posso pintar nela?

— É para isso que eu te mostro.

Empurrei a planta até ela com as duas mãos. A Noa tirou o lápis de trás da orelha e o manteve um momento no alto, sem tocar o papel, como fica a mão antes de bater numa porta que não é a sua. Depois baixou.

Era a primeira vez que outro lápis tocava aquele papel. Cada vez que a ponta turquesa descia, eu apertava um pouco mais a fita métrica contra o canto dele, embora a planta não tivesse nenhuma intenção de ir embora. A Júlia percebeu e não disse nada, o que, na Júlia, é um jeito muito barulhento de perceber.

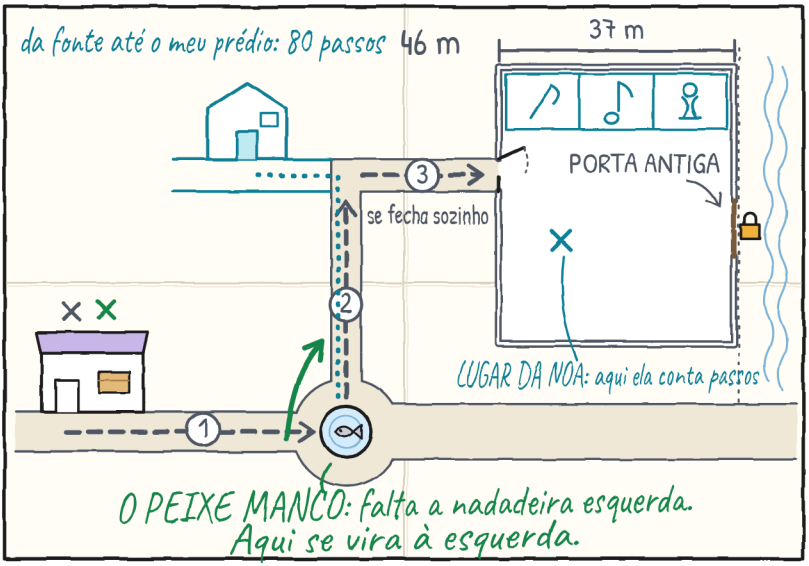
Acrescentou a rua dela, o centro por dentro, com a sala, o pátio e o corredor que os une, e as distâncias, em passos. Escreve pequeno e reto, como se cada letra tivesse que caber num ladrilho. Eu punha os metros ao lado. "Da fonte até o meu prédio: 80 passos", escreveu ela, e eu, ao lado: "46 m". Oitenta vezes cinquenta e oito dão quarenta e seis e quarenta. Arredondei para baixo, por educação. Na minha planta havia, pela primeira vez, duas unidades, e nenhuma estava errada. No pátio, a Noa marcou uma cruzinha turquesa: "LUGAR DA NOA: aqui ela conta passos".

A Júlia não aguentou mais. Destampou a canetinha e escreveu junto à fonte, em verde e sem pedir licença: "O PEIXE MANCO: falta a nadadeira esquerda. Aqui se vira à esquerda". Na loja pusemos duas cruzinhas, uma a lápis e outra verde, tão juntas que se tocavam.

Em cima, a planta se chamava A PLANTA DO GUTO. Embaixo escrevi o nome novo: A PLANTA DO BAIRRO (DOS TRÊS). O parêntese foi ideia minha. Os parênteses são o que melhor sei fazer.

E enquanto pintavam me contaram a história do peixe manco. Contaram as duas ao mesmo tempo, uma de cada lado do balcão, e eu ia de uma a outra com a cabeça como se olha uma partida da rede. É comprida. Não é tão boa quanto dizem. Mas agora eu a sei.

A PLANTA DO BAIRRO (DOS TRÊS)



É ótima. O que acontece é que a gente contou mal: uma atropelou a outra. –J.

A Júlia levava a fita amarrada no pulso desde o meio-dia. Já tinham se soltado três fios. Contei porque ela também contava, em voz baixa, cada vez que um se prendia no bolso do macacão.

— Se eu ficar com ela, na segunda é só franja — disse. — Guardamos no caderno?

Colamos na primeira página, embaixo de COMPARTILHADO e da letra verde que ocupa meia folha, com um pedaço de fita adesiva em cada ponta. A Noa segurou uma ponta, a Júlia a

outra, e eu pus os dois pedaços, retos. O nó ficou em cima, um pouco volumoso; o brilho mudava de lugar cada vez que alguém virava a página ao lado. Num canto pusemos três iniciais pequenas: G, a lápis; J, em verde; N, em turquesa.

Fechei o caderno para testar. Fechava pior: o nó fazia volume e a capa ficava um pouco levantada num canto, como quem não termina de ir embora. Anotei "defeito" na margem e depois apaguei.

Desenhei com os fios soltos. Se desfizer, desfaz: não vou desenhar mais nova do que é.

Pela vidraça, a pega do muro nos olhava do poste. Olhava a fita, não a nós. Percebi porque eu, no lugar dela, teria olhado o mesmo.



O meu caderno não fecha tão bem quanto o seu. Por isso. —J.



A Noa virou as páginas para trás. Antes pediu licença, com a mão aberta em cima do caderno, sem tocar, e eu disse que sim com a cabeça. Virou devagar, uma por uma, sem pular nenhuma: o medidor da terça, a linha verde da quarta, a última página com o seu pedaço de muro e o seu meio cadeado, a casinha nova da quinta. Chegou ao canto dos risquinhos.

— E isto?

Estava com a mão na distância exata para tapar. Não a mexi.

— Uma conta que eu levava mal.

— E isto aqui? — Leu em voz alta: — "Um portão também se segura com uma pedra".

— Pensei nisso na terça.

A Júlia parou de balançar a perna contra o banquinho. O Toninho, da caixa dele, levantou a vista do relógio, que não estava cronometrando nada.

— Uma pedra não diz "meio-fio" — disse a Noa. — Nem quinze vezes "pare".

Disse como ela diz as coisas, contando. Depois virou a página para a frente, de volta à fita, como quem deixa um livro onde o encontrou.

Não apaguei os risquinhos. A lápis se pode, mas não quis. Embaixo da frase desenhei uma pedra pequena, com um balão de fala. Deixei vazio.

Não apague. São um pouco minhas. —J.



No domingo, ao amanhecer, quem vigiou foi a Noa, que mora em frente ao centro. Às nove trouxe um bilhete à loja. Vinha contando passos; dava para notar nos lábios. Estava dobrado em três partes iguais; conferi. Dizia, em turquesa e com letra pequena e reta:

- 7:38: o teatrinho, na oficina, dobrado.
- 7:44: amanhece. Não se mexe.
- 7:50: continua. Passos que deu: zero. —Noa

Vigia melhor do que eu, conta melhor do que eu e não faz pão. Dois de três. —J.

A Mara levantou a porta de enrolar até a metade para deixar a gente passar, e desenhei a estante: catorze pacotes e seis vazios, seguidos, do 1 ao 6, como os dentes que caem em ordem. O cartaz não foi preciso mexer.

— Seis — disse a Mara. E fechou o livro dela.

O Toninho estava na caixa dele, com o capacete na cabeça, embora fosse domingo. A Noa ficou de pé, ao lado da porta.

Ninguém lhe disse que sentasse nem que fosse embora. Veio porque quis, e na segunda tem ensaio.

Para terminar o caderno desenhei a janela do teatrinho, vazia.

Fiz com régua: a moldura, a cortina curta recolhida de um lado, a madeira com as suas veias. Dentro, nada. Era a primeira janela da semana por onde ninguém passava por acaso, e me pareceu justo deixá-la assim um momento, como se deixa aberta uma porta quando se ouve alguém na escada.

Desenhei-me eu primeiro, a lápis, de um lado, que é onde me ponho nas fotos. Desenhar-se a si mesmo é o mais difícil que existe: não dá para medir de fora. Saí sério e com o cabelo bem penteado, que não é como o levo, e sim como gostaria de levar. Não corrigi. Deixei espaço de sobra.

Depois deixei o caderno aberto no balcão, de frente para elas, com o lápis atravessado em cima. Não disse para quê. A Mara, atrás, não olhou: pôs-se a alinhar os frascos de tinta com uma atenção de que não precisavam.

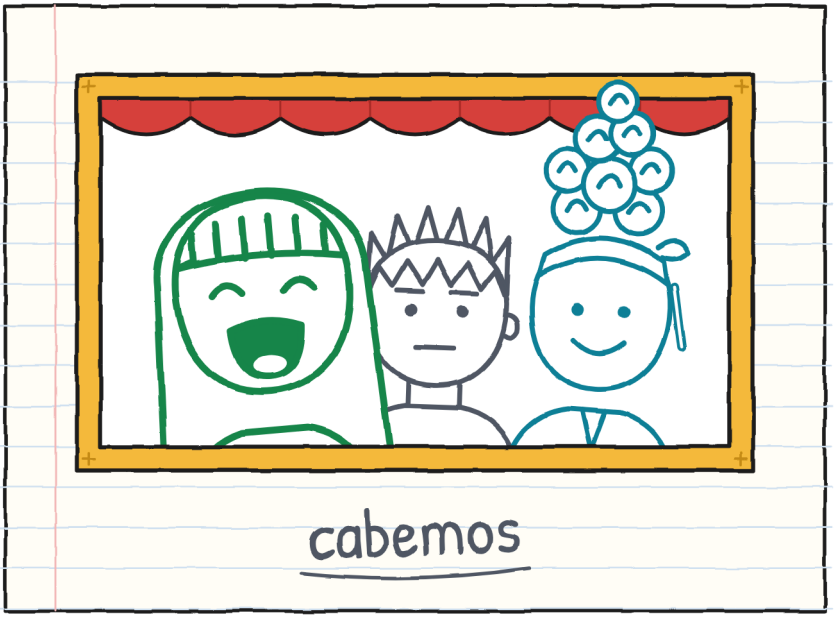
A Noa pediu licença antes de pintar no meu caderno. A Júlia, não.

A Júlia se desenhou em verde, de boca aberta e maior que os outros dois, porque, segundo disse, na vida real também ocupa mais. A Noa mediu com dois dedos o espaço que sobrava, como mede ela as coisas pequenas, e se desenhou dentro, em turquesa. O coque saiu da moldura por cima. Não corrigiu. Para a Noa as molduras ficam pequenas por cima, e ela sabe.

Tínhamos cabido na janela de verdade, no sábado, apertados. Na de papel, que eu tinha desenhado com espaço de sobra, nos apertamos igual. O espaço de sobra ninguém usou.

Embaixo, a lápis, escrevi uma palavra:

cabemos.



Compartilhado é compartilhado. Está escrito na primeira página. –J.

Faltava a tabela, que fecha todos os meus cadernos. Desta vez fiz trecho a trecho, que é como se mediu a semana toda.

ENTREGA Nº 6. Trecho a trecho (quem carregava · quem orientava · o que precisou repetir):

- Loja → fonte do peixe manco: Guto e Noa · Júlia · a curva da fonte (três vezes).
- Fonte → esquina: Júlia e Noa · Guto · nada (mas devagar).
- Esquina → pátio: Guto e Júlia · Noa · a entrada: o mapa era velho.
- Sábado: os três · os três, por turnos · a correia (na segunda, no terceiro furo).
- Antes de nós: Mara, sozinha · ninguém · nove viagens.
- R.: ? · ? · não sabemos.

No pé desenhei o medidor de três, com as suas quatro casinhas preenchidas e os três nomes trocados de lugar.

Três casinhas. Bom, quatro. Três nomes. Nenhuma vazia. — J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 7

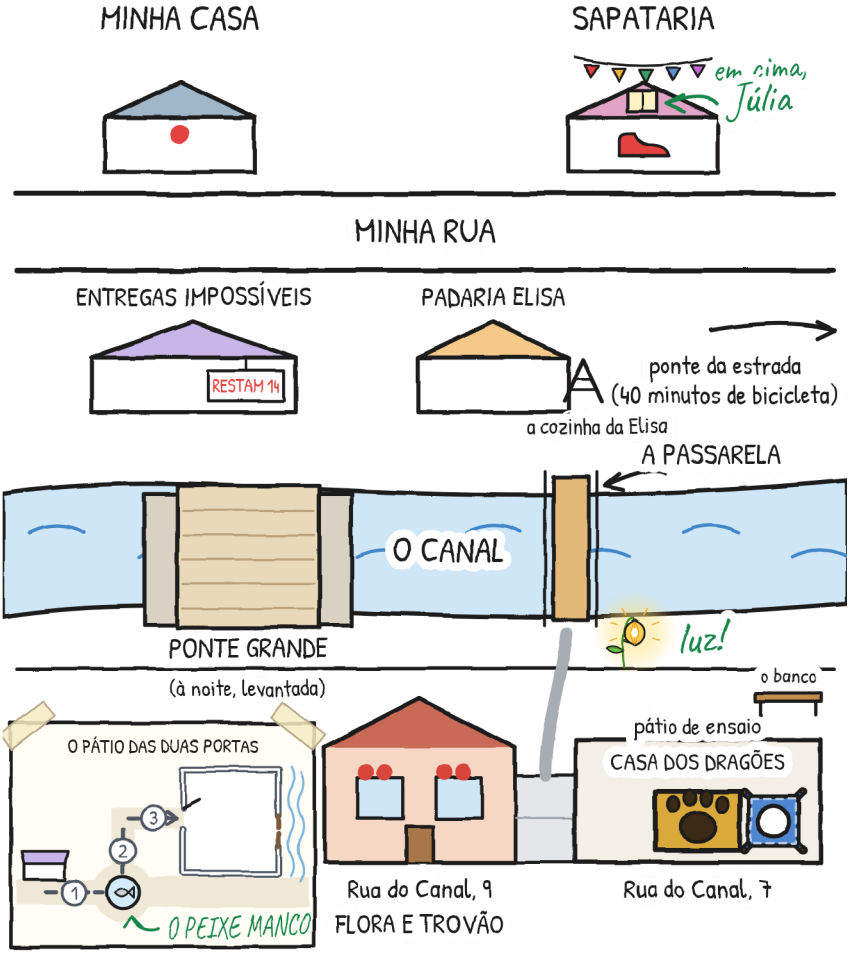
(em breve)



Dessa vez a etiqueta pedia uma hora em que eu já estou de pijama.

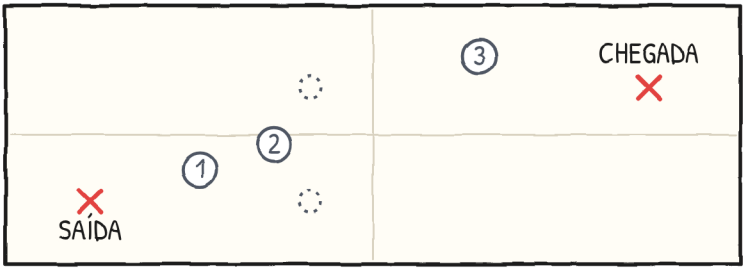
Quem está acordado quando os outros fecham? Fora eu. –J.

O BAIRRO (versão 6)



SEU TRAJETO

Quem carrega? Quem orienta? Quem abre passagem? Quem avisa?



O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM	AVISAR
trecho 1				
trecho 2				
trecho 3				

Se numa casinha sai sempre o mesmo nome, troque. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

Este livro existe em seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e em mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L contam a história página por página, com os mesmos desenhos e cada vez mais nuances. O XL é o romance: a mesma história, com espaço para tudo o que o Guto pensa e não diz.

Níveis do QECR indicativos: XXS, pre-A1 · XS, A1 · S, A2 · M, B1 · L, B2 · XL, B2–C1.

Cada um no seu tamanho. O mesmo teatrinho. –J.

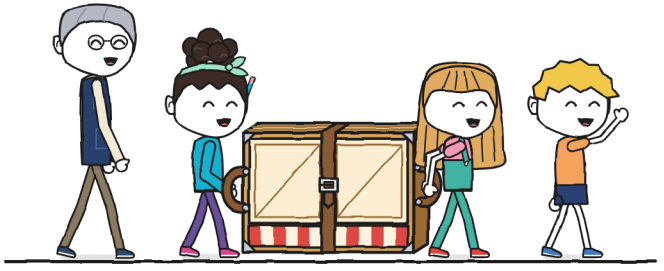
PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com (com as atividades do tamanho L)

TRANSPORTE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Antes de sair, olhe o trajeto inteiro.
2. Uma pessoa vai livre: abre passagem e avisa.
3. As mãos nas alças. Longe das dobradiças e dos fechos.
4. Com uma carga não se corre nem se compete.
5. Se alguém disser "pare", todos param.
6. Primeiro se deixa no chão; depois se discute.
7. O que é grande se abre e se dobra entre duas pessoas, com uma pessoa adulta.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que pode acontecer numa história, mas não num transporte de verdade.



E se você sabe algo do caminho, diga antes. –J.